# TERREIRO DE QUILOMBO: SABERES TRADICIONAIS DOS QUILOMBOS DE SANTA CRUZ E PAUS ALTOS EM ANTÔNIO CARDOSO – BA

**Izabel Santos Pereira**[1]

**RESUMO**

O relato de experiência do projeto "Terreiro de Quilombo", visam apresentar o amplo conhecimento sobre saberes da natureza, utilizadas na medicina tradicional local, segurança alimentar, bem como a rica manifestação cultural que tem sido preservada ao longo de gerações dos contextos sociocultural e ambiental da comunidade. O processo metodológico utilizado foi de cunho etnográfico, focado no processo cultural dessa comunidade.

**Palavras-chave:** Educação do Campo; Quilombola; Saberes Tradicionais;

*

## Introdução

Os negros chegaram no Brasil forçados pelos portugueses, que se apropriaram das terras dos indígenas. A resistência negra contra a escravidão era constante, foram criadas diversas estratégias onde lutaram pela conquista de liberdade, por meio rebeliões, lutas e fugas individuais e coletivas. Os escravizados fugiram para áreas de vegetação mais fechada com difícil acesso, formaram os "mocambos" que depois ficaram conhecidos como quilombos. A Bahia, em 1575, teve a primeira informação sobre um mocambo formado no país (SCHWARCZ, 2018). Essas formas de resistência contribuíram exaurindo o sistema escravista a qual levou à abolição da escravidão, no século XIX.

Os quilombos foram símbolo de resistência à opressão escravista no Brasil que até hoje lutam pela elaboração e efetivação de políticas públicas

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo (PPGEDCAMP) pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Licenciada em Educação do Campo com habilitação em Matemática pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Especialista em Metodologia de Ensino de Matemática pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. E-mail: izabelsantos.ac@gmail.com

como: Certificação das comunidades quilombolas; posse e titulação da terra; Educação Escolar Quilombola; e também pela melhoria da qualidade de vida.

Eles guardam saberes significativos a respeito das tradições, culturas, línguas, e hábitos culturais, as quais contribuíram para a formação da identidade do povo negro ao longo do tempo, passadas por descendência, que podem ser registradas nas mais diversas formas como ritos, rituais, costumes, festejos, objetos, textos sagrados, histórias e causos. Envolvendo indivíduos de diferentes idades, ideias, conhecimentos culturais, além de proporcionar uma forma de resgatar alguns saberes tradicionais dos moradores mais velhos e as tradições africanas. É possível dizer que não se vive do passado, se vive do presente e do futuro, porém para que se compreenda as transformações pelas quais a cultura de um povo tem passado no decorrer dos tempos, se faz necessário conhecer como era antes, no início de sua construção. Percebe-se a importância de se conhecer as raízes da própria cultura para que haja a formação de identidade, no propósito de se definir enquanto cidadão, sabendo situar-se na sociedade.

Nas comunidades Paus Altos e Santa Cruz, ainda é muito forte a utilização dos saberes tradicionais por meio do uso de plantas medicinais, rezadeiras, parteiras, povo de terreiro. Nesse contexto, este artigo tem a pretensão de levantar, por intermédio dos saberes tradicionais do Quilombo Paus Altos (Antônio Cardoso - BA), o que se tem de conhecimento sobre o reconhecimento da natureza utilizada na medicina tradicional local, segurança alimentar e nutricional e a rica manifestação cultural que tem sido preservada ao longo de gerações dentro dos contextos sociocultural e ambiental da comunidade.

## Descrição do contexto

Este trabalho remete às experiências obtidas no desenvolvimento do projeto Terreiro de Quilombo, realizadas no âmbito de projeto de Intervenção do Curso de Licenciatura em Educação do Campo nas comunidades Quilombolas de Santa Cruz e Paus Altos, pelos estudantes das comunidades Gavião e Paus Altos, Arruti (2017, p. 6), define que as comunidades quilombolas são grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção, reprodução de seus modos de vida

característicos em um determinado lugar, cuja identidade se estabelece por uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e de valores partilhados.

As comunidades quilombolas onde as experiências foram adquiridas estão localizadas na área rural do município de Antônio Cardoso, cujo nome é de um fazendeiro. O processo de formação dos quilombos em Antônio Cardoso surgiu, após a abolição legal da escravidão em 1888, grande parte dos escravos libertos, por não terem acesso ao trabalho assalariado, terras, educação e outros direitos civis, permaneceram nas fazendas trabalhando na condição de "rendeiros", ou mesmo em troca de alimentação e moradia (SANTOS, 2010. p 25). Como assegurou SCHWARCZ (2018, p. 5) "os quilombolas eram em geral escravos fugidos de uma mesma localidade e/ou fazenda, e com frequência pertenciam a um mesmo fazendeiro. Muitas vezes procuravam se manter no interior das terras do seu senhor".

O município de Antônio Cardoso possui 10 comunidades quilombolas: Crumataí, Gavião, Mata, Paus Altos, Perí, Santo Antônio, Santa Cruz, Subaé, Orobó, Tócos - que receberam suas titulações como uma comunidade remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares, no entanto, nenhuma delas ainda não têm a titularidade da terra garantida, pois existe articulação dos latifundiários para que isso não ocorra.

## Metodologia

Neste relato de experiência do projeto "Terreiro de Quilombo", diálogo com os dados oriundos do contato e convivência na comunidade de Paus Altos, através do Projeto de Intervenção, durante o Tempo Comunidade (TC), no curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Matemática da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O processo metodológico utilizado, de cunho etnográfico, foca no processo cultural dessa comunidade, em que por meio dos saberes tradicionais, possam remeter às formas como se constitui a comunidade. Optamos pela etnográfico, pois recorro à história oral que busca dar voz aos oprimidos "recuperar as trajetórias dos grupos dominados, tirar do esquecimento o que a história oficial sufocada durante tanto tempo" (FERREIRA, 2002, p. 9).

O projeto começou a ser realizado em 2017 com a participação de estudantes da educação do Campo, liderança da comunidade, jovens

e pessoas idosas. As atividades de formação aconteceram na sede da Associação Rural Quilombola de Paus Altos, Santa Cruz e Adjacências - ARQUIPASCA, localizado na Comunidade Quilombola de Paus Altos.

As atividades do projeto foram realizadas em quatro momentos: inicialmente os estudantes participaram da Assembleia Geral da Associação para falar da proposta do projeto e pedir autorização para realizarem atividades no espaço. No segundo momento, foi realizada uma visita a casa dos moradores mais velhos da comunidade para fazer uma prosa sobre saberes tradicionais na comunidade. No terceiro momento, foi possível conduzir uma roda de conversas sobre o tema, e por último, foram realizadas oficinas de formação.

Nossas primeiras conversas foram marcadas por longas pausas e suspiros. Relembrando os hábitos e costumes dos seus antepassados, das noites nas casas de farinhas produzindo farinha, bolo de palha, biscoito de goma, beiju, bolo de mandioca. Percebemos que algumas manifestações ainda se mantêm vivas diante desse mundo globalizado, como se alimentar das Plantas Alimentícias não Convencionais – PANC, onde as mais comuns na comunidade são: favaquinha, bredo ou caruru, feijão guandu e folha de quiabo.

As tradições alimentares das comunidades quilombolas se reproduzem na cozinha, que é considerada como abundante, fonte inesgotável de saberes, memória, valores, significados simbólicos, bem como faz parte da construção de identidades. Segundo aponta o autor Andrade (2018, p.33), "o consumo de alimentos tem uma dimensão política, assim como a natureza é transformada em cultura, a cozinha é também uma "linguagem" por meio da qual "falamos" sobre nós próprios e sobre nossos lugares no mundo". Outrora na comunidade era comum o uso do pilão para pisar milho e fazer cuscuz para alimentar nas três refeições do dia, no almoço comia com feijão e *mininico*[2] de carneiro, mas isso "foi ficando pra trás", como lembra senhor Henrique. Hoje é raro encontrar pilão no quintal das casas, eles foram substituídos por *flocão*[3] dos supermercados e as pessoas se queixam que o cuscuz não tem o mesmo sabor. No entanto, na comunidade a maior parte das casas tem seu fogão a lenha, ainda muito utilizado no dia a dia, onde se faz o feijão, galinha caipira na panela

2 O mininico é feito a partir das vísceras do carneiro ou cabrito, ou seja: bucho, tripas, fígado e rins. Ele é servido com pirão e farofa de cuscuz.

3 Farinha de milho flocada. O flocão de milho é um ingrediente muito utilizado em receitas típicas do Nordeste brasileiro, como o cuscuz, e vários tipos de farofas e bolo.

de barro, tem-se o costume de fazer o caruru no dia da sexta-feira da paixão e nas festas de São Cosme e Damião, no mês de setembro, e de Santa Bárbara, em dezembro. Além disso, existe a tradição das novenas de São Roque no mês de agosto, onde costuma-se servir pipoca. Essas iguarias preparadas podem ser consideradas como manifestações da cultura, como patrimônio imaterial.

Na sequência, na roda de conversa com troca de experiências, que foi realizada na sede da associação de Paus Altos com a juventude da comunidade e as pessoas idosas, realizamos troca de saberes sobre diversificadas temáticas, causos e histórias. Os jovens se interessaram em saber como são realizadas as rezas para curar e dar proteção às pessoas que têm fé. Segundo dona Valdemira, a tradição não permite cobrar pelos serviços ofertados, pois foi um dom revelado pelo divino, por isso que não se deve cobrar. Além de rezas, as mulheres fazem os famosos lambedores e garrafadas para a cura das enfermidades, corroborando na prática com o que afirma Maciel (2006, p. 66) ao dizer que quando buscamos aliviar as dores através das "rezas e benzeções provavelmente estabelece um elo muito forte na comunidade, onde seres humanos de diferentes regiões passaram a habitar e a conviver com os conhecimentos que trouxeram das suas regiões de origem".

**Figura 1 -** Reza para Nossa Senhora do Parto (Pereira, 2019)



As rezadeiras e benzedeira usam os seus conhecimentos com as plantas medicinais para os preparos de alimentos e remédios caseiros, elas cultivam em hortas tradicionais no quintal da casa, onde é comum encontrar uma enorme diversidade de planta tais como: mastruz, hortelãs

grosso e miúdo, alecrim de várias espécies, erva cidreira, dentre outras. Essas plantas são utilizadas para fazer chá para combater vários tipos de doenças, como gripe, dores de barriga, cabeça, dente, mal-estar. Arruda, manjericão e espada de Ogum, por exemplo, são usados em rituais de uso de curas espirituais e banho para afastar males. As verdadeiras eles são muito procurados pelos moradores da comunidade por diversos motivos de saúde e proteção espiritual. Desse modo, Santos (2014, p. 5) nos diz que o objetivo do "uso das plantas medicinais é contribuir para o fortalecimento da sua identidade cultural e para o conhecimento do potencial medicinal da flora da região". Essa prática de utilizar as plantas na cura tradicional como chá e banhos de ervas são feitas historicamente pelos ancestrais dentro dos quilombos no combate de algumas enfermidades.

**Figura 2 -** Reza para aliviar dor de Cabeça (Pereira, 2021)



A última atividade foi composta por oficinas de formação, a partir da prática e vivência dos jovens, de modo a motivá-los para serem sucessores de associações, sindicatos de trabalhadores rurais e organizações. Essas oficinas foram demandas da associação pois perceberam que os jovens, mesmo participando da associação, ainda não se sentem protagonistas para assumir o papel de presidente ou membro da diretoria. Para realização dessas oficinas, foram convidados vários jovens do município que estavam inseridos em espaços políticos de poder e também os representantes do conselho de educação do município, pessoas do Sindicato do Trabalhadores Rurais, dentre outros espaços. Durante a atividade, tivemos

uma apresentação dos participantes destacando nome, comunidade e organização na qual estava inserido (a), em seguida foi apresentado às instituições destacando sua missão, objetivo e atividades.

## Considerações finais

Desde que os negros foram trazidos da África, eles vêm procurando caminhos para aliviar o sofrimento causado pelos males físicos e espirituais, através dos saberes tradicionais. Os saberes tradicionais das comunidades quilombolas podem ser definidos como conhecimento empírico, porque são realizados dentro e fora da comunidade e passado de geração a geração. Os conhecimentos tradicionais existentes nas comunidades Quilombola de Santa Cruz e Paus Altos, vêm ao encontro dos anseios das pessoas mais idosas do quilombo, em repassar os saberes recebido pelos ancestrais para os membros mais jovens, que encontrava bastante desinteresse, provavelmente devido às novas acessos tecnológicos.

Podemos destacar as principais conquistas desse trabalho: Obtenção de dados e informações neste processo de recuperação de um conhecimento e preservação da cultura quilombola; Identificação do uso de plantas dos quintais como valor terapêutico indicado como chás, banhos, massagens terapêuticas, aliviando, assim, doenças corporais e males espirituais; identificação do respeito a essas pessoas idosa, e a tradição de pedir a benção, de ceder um assento na reunião na comunidade; Reconhecimento do importante papel das benzedeiras e rezadeiras dentro desta comunidade, atuam como prestadoras de serviços efetuando uma função de medicina que, por vários vez, se faz ausente; a felicidade, o prazer que as pessoas mais velhas da comunidade sentiam quando viam que os jovens estavam interessados nos saberes e conhecimentos tradicionais.

Esta iniciativa proporcionou também aos jovens estudantes do Curso de Educação do Campo da UFRB a possibilidade de vivenciarem na comunidade um momento de trocas de conhecimentos diferente daquele vivenciado na sala de aula, ficando evidenciado a importância da interação Universidade X Quilombo, visto que essas comunidades produzem conhecimento a partir das suas vivências e trabalho. A atividade ultrapassa os muros da escola, podendo dialogar com sua cultura local, uma vez que as escolas com o seu formato de ensino aprendizagem, não proporcionam essas vivências.

**REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino. **A educação no quilombo e os saberes do quilombo na escola.** Editora Appris Ltda., 2018.

ARRUTI, José Maurício. Conceitos, normas e números: uma introdução à educação escolar quilombola. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 12, n. 23, p. 107-142, 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi** (Rio de Janeiro), v. 3, p. 314-332, 2002.

SANTOS, Luciana Marinho. Ecologia de saberes: a experiência do diálogo entre conhecimento científico e conhecimento tradicional na comunidade quilombola da Rocinha. **Tempus – Actas de Saúde Coletiva**, v. 8, n. 2, p. ág. 243-256, 2014.

SANTOS, Ozéias de Almeida. Espaço, terra e quilombo: a produção socioespacial das comunidades quilombolas do município de Antônio Cardoso – BA. **Revista Crítica do Direito** – RCD, 2013. Nº 3. Vol. 54.

MACIEL, Márcia Regina Antunes; GUARIM NETO, Germano. **Um olhar sobre as benzedeiras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 1, p. 61-77, 2006.